

memória

em destaque

Atuação do MPMG preserva a memória do poeta Augusto dos Anjos

2014 marcou o centenário da morte do poeta

Em 12 de novembro de 1914, o poeta paraibano Augusto dos Anjos morre, aos 30 anos de idade, vítima de uma pneumonia, em Leopoldina, município da Zona da Mata mineira. Em 2007, o artista plástico Luiz Raphael Domingos Rosa, que residiu por anos na casa onde viveu o poeta, apresentou ao Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) documentação sobre a vida e a história de Augusto dos Anjos para que fossem adotadas as medidas necessárias à preservação do imóvel do início do século XX, localizado na rua Barão de Cotegipe, onde funcionava o museu Espaço dos Anjos.

A partir da instauração de Inquérito Civil verificou-se que o imóvel possuía valor histórico, arquitetônico e turístico, constituindo-se referencial simbólico para o espaço e memória da comunidade. Com a efetiva atuação do promotor de Justiça Sérgio Soares da Silveira, foram tomadas as medidas cabíveis para proteger o imóvel, por meio do procedimento do tombamento e de salvaguarda dos documentos pertencentes ao acervo do Espaço dos Anjos.

Após a morte de Luiz Raphael, as peças do museu ficaram sob a tutela temporária da Promotoria de Justiça de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural de Leopoldina, que contou com o apoio da população local e do Poder Público municipal para o tombamento, restauração, ampliação e preservação do Espaço dos Anjos. Atualmente, o imóvel, além de ser um museu da cidade de Leopoldina, abriga a Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no dia 20 de abril de 1884, no Engenho Pau d'Arco, atualmente no município de Sapé, estado da Paraíba. Em 1903, mudou-se para Recife, onde mais tarde ingressou no curso de Direito. No decorrer de sua vida acadêmica, também escrevia poemas, alguns deles publicados em periódicos da capital pernambucana.

Após a formatura, não exerceu a advocacia, preferiu se dedicar ao magistério. Transferiu-se para João Pessoa onde exerceu a licenciatura, atuando como professor interino de Literatura no Liceu Paraibano. Em 1910, casou-se com Ester Fialho e mudou-se para o Rio de Janeiro. Na então capital federal, lecionou em algumas escolas, entre elas: Escola Normal, Ginásio Nacional e Colégio Pedro II.

Em 1912, publicou seu único livro intitulado *Eu*, que foi custeado por ele e por seu irmão Odilon dos Anjos, contendo 58 poemas, cuja primeira edição teve tiragem de mil exemplares. O livro foi recebido à época entre seus colegas escritores e os críticos literários com estranhamento, que oscilava entre o entusiasmo e a repulsa.



Com um estilo literário peculiar, Augusto dos Anjos foi intitulado “poeta da morte”, pois possuía uma obsessão pelo tema, com ênfase na negação da vida material e das vontades próprias. Sua obra apresenta características dos dois estilos literários da época, o Parnasianismo e o Simbolismo, principalmente no rigor na forma e no conteúdo metafórico. Segundo o escritor e crítico Ferreira Gullar, os poemas de Augusto dos Anjos possuíam um estilo pré-modernista, com características expressionistas, que o caracterizavam com uma singularidade no estilo da época.

Em 1914, Augusto dos Anjos transfere-se para Leopoldina, onde dirigiu o Grupo Escolar e passou seus últimos meses de vida. Durante sua vida, o poeta não obteve o reconhecimento almejado pelo seu trabalho. Somente a partir da edição de *Eu e outras poesias* – lançada em 1920, organizada e prefaciada pelo seu amigo de mocidade Órris Soares – e após o movimento modernista é que houve uma retomada da leitura de seus poemas e valorização do trabalho do poeta.